

JORNALISMO LITERÁRIO E INVENÇÃO DO COTIDIANO: Paisagens humanas com Eliane Brum



*Graziele Rodrigues de OLIVEIRA*²⁶

RESUMO: Este trabalho apresenta uma reflexão e articulação das reportagens do livro *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum com o livro *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau. O estudo busca discutir acerca do cotidiano de personagens inseridos numa geografia cultural em transição. Para análise foram pinçadas histórias de personagens com algo em comum: a invisibilidade. Também a discussão sobre a contribuição da autora para a formação de uma paisagem humana dos espaços urbanos. Para tanto, é comum encontrar nos jornais notícias com base estatística, e na busca de trazer à tona o heterogêneo do cotidiano, Eliane Brum desvela em suas reportagens um cotidiano escondido pelas estatísticas e pelas máscaras da noticiabilidade homogênea.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; paisagem humana; invenção do cotidiano.

ABSTRACT: This work presents a reflection and articulation of the reports of the book *A vida que ninguém vê*, of the journalist Eliane Brum with the book *The practice of everyday life*, of Michel de Certeau. The study seeks to discuss the daily life of characters inserted in a cultural geography in transition. For analysis we have pinned stories of characters with something in common: invisibility. Also the discussion about the contribution of the author to the formation of a human landscape of the urban spaces. For that, it is common to find news in the newspapers with statistical bases, and in the search to bring up the heterogeneous of daily life, Eliane Brum reveals in her reports a daily hidden by statistics and by the masks of homogeneous news.

KEYWORDS: Literary journalism; human landscape; practice of everyday life.

1. Introdução

²⁶ Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Latino-Americana (UNILA). Especialista em Geopolítica e Relações Internacionais pela Rede de Educação Claretiano. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela União Educacional de Cascavel (Univel-2015) e Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (Unicesumar -2010). Bolsista DS- Unila.

Neste artigo pretende-se fazer uma reflexão sobre a experiência da vida cotidiana marginalizada presentes nas reportagens do livro *A vida que ninguém vê* (2006), de Eliane Brum. No entremeio da divulgação de notícias marcadas pelos dados estatísticos e pelo imaginário coletivo superficial em torno dos fatos cotidianos, o jornalismo literário surge para visibilizar um cotidiano plural e mais humano. Assim, este estudo se propõe em problematizar as reportagens literárias da jornalista Eliane Brum, à luz de Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano* (1998).

Parte-se da ideia de que a veiculação de notícias que tendem a trazer mais números (dados econômicos e quantitativos) esconde as inúmeras e autênticas formas de vivências. Ainda que haja uma força controladora e que esta tente controlar os indivíduos por meio da representação de uma visão de mundo hegemônica, que dita as regras de ser e estar no mundo, para Certeau (1998) o cotidiano ocorre nas relações sociais, ou seja, é na interação entre os sujeitos que as práticas cotidianas serão desenvolvidas, a ponto de formas novas formas de vivências: “As táticas do consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998, p. 45). O autor diz que a recepção e ação dos grupos com relação às informações hegemônicas são sempre imprevisíveis, “a presença e a circulação de uma representação (ensinada como código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários” (CERTEAU, 1998, p. 39). Desta maneira, o cotidiano é formado pelas relações entre os indivíduos, na imprevisibilidade do acaso, portanto, o consumo das informações não é passivo.

Assim, a narrativa do livro *A vida que ninguém vê* (2006) traz representações destas vivências cotidianas marcadas pelo acaso, pelo uso da tática:

A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa. Isto não quer dizer que ela seja homogênea. Os processos pelos quais se efetua o reemprego de produtos ligados juntos em uma espécie de língua obrigatória tem funcionamentos relativos a situações sociais e as relações de forças. (CERTEAU, 1998, p. 44)

Também ao trazer nas narrativas do jornal as histórias de um lugar, do espaço social daquele sujeito, Eliane Brum apresenta uma paisagem humana fora do contexto habitual do jornal. Como compreensão dos conceitos acerca de paisagem se utiliza as bibliografias *Pontos de vista sobre as percepções da paisagem* (1990) e *Poética e filosofia da paisagem*

(2013), de Michel Collot, pois este fornece uma ideia de paisagem que é atravessada pelas ações humanas.

2. A autora Eliane Brum

Gaúcha da cidade de Ijuí, Eliane Brum é jornalista, documentarista e escritora, se intitula como “escutadeira”, pois para a autora, saber ouvir é a tarefa mais importante para a elaboração de uma narrativa mais condizente com a realidade de um personagem. Assim, a autora capta a literatura das ruas, dos lugares comuns e documenta nos principais jornais do país. Trabalhou para o jornal *Zero Hora* por 11 anos, foi repórter especial da Revista *Época* por 10 anos, atualmente escreve para o jornal *El País* (português e espanhol) e para o jornal *The Guardian* (inglês), em ambos os jornais, Eliane Brum capta o cotidiano e transforma em reportagens literárias.

Com a produção de reportagens Eliane Brum venceu mais de 40 prêmios nacionais e internacionais, entre eles, o prêmio Esso, Vladimir Herzog, Sociedade Interamericana de Imprensa e o Troféu Especial de Imprensa da ONU. Escreveu seis livros: *Uma Duas*, o seu único romance, *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, o primeiro livro, *Coluna Prestes: o avesso da lenda*, que lhe rendeu o prêmio *Açorianos* de autora revelação (neste livro Eliane Brum entrevista 100 pessoas sem vínculo político e que testemunharam a passagem da Coluna Prestes em pequenas comunidades pelo Brasil) e o livro *A Vida Que Ninguém Vê*, que vamos discutir neste artigo, cuja obra recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro de reportagem do ano de 2006. O livro é resultado de uma série de colunas divulgadas pelo Jornal Zero Hora em 1999, composto por 23 reportagens de personagens que vivem no Estado do Rio Grande do Sul com vidas comuns e/ou marginalizadas, sujeitos à exclusão, ou ao desaparecimento dentro da hierarquia de poder na sociedade.

3. A invenção da paisagem humana no Rio Grande do Sul

Uma paisagem se revela em múltiplas definições, mas para Collot (1990), a concepção de paisagem natural perde-se o fundamento quando a ação do sujeito no espaço está intrinsecamente associada, além da transformação do ambiente pelas pessoas, o olhar do sujeito para o ambiente também é composto pela cultura e experiências, que a partir de então surgirá as interpretações para ademais do espaço enxergado. Assim, a paisagem não é dada em completude, pois uma mesma paisagem para um sujeito será diferente para outro, a rede de significações é infinita, e as lacunas oferecem uma ampla rede semântica.

Além da paisagem não se referir a um objeto sozinho e independente dos elementos que a compõe, para Collot (1990) a paisagem é uma janela para a interpretação de inúmeras nuances sobre a cultura dos sujeitos (identidades, economia, crenças e costumes), deste modo a construção literária tanto do autor/a como do leitor/a se vale da compreensão da língua, das práticas cotidianas, do conhecimento de mundo para a interpretação dos conglomerados de símbolos e signos para lhe fazer sentido, “A paisagem não é objeto autônomo em si face do qual o sujeito poderia se situar em uma relação de exterioridade; ela se revela numa experiência em que o sujeito e objeto são inseparáveis” (COLLOT, 1990, p. 22).

Sendo assim, o imaginário social completa as lacunas referentes ao local da narrativa e por meio das características culturais/sociais do espaço narrado consegue-se refletir sobre a união do sujeito e do objeto enxergado na paisagem. Para exemplificar este contexto destaco um primeiro fragmento da reportagem de Eliane Brum para análise, o texto é intitulado como *Menino do Alto*:

O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre dois mundos. Tão perto do céu, estava no inferno. Para meninos de pernas assassinadas do alto, de nada serve uma cadeira de rodas. Quem tem os dois pés precisa de outros dois. Nos dias de chuarada só se caminha como bicho. (BRUM, 2007, p. 72).

No texto a frase, “tão perto do céu, estava no inferno”, revela uma interpretação do espaço e dos sujeitos nele inseridos, “do alto” de um morro, próximo ao “céu”, através de uma visualização imaginativa, enxerga-se uma paisagem de periferia, que mesmo as pessoas que não tem deficiência física tem o acesso à cidade²⁷ dificultado, neste sentido a cidade é um “produto” em que só as pessoas favorecidas economicamente tem acesso, o que o autor Lefebvre chama de *direito à cidade*: “A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem o domínio do econômico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria) e por conseguinte se inscrevem nas perspectivas da revolução sob a hegemonia da classe operária” (LEFEBVRE, 2001, p. 139). Assim o que é fundamental perceber é que a paisagem revela a situação socioeconômica da região metropolitana de Porto Alegre, recorre-se ao conjunto de saberes para decifrar que para além da paisagem periférica descrita, há a paisagem de “dois mundos” diferentes, o do rico e o do pobre, a desigualdade social. Desta forma, a paisagem e o humano são indivisíveis ao ponto da paisagem revelar a situação do sujeito e o sujeito revelar a situação da paisagem.

²⁷ Cidade enquanto espaços urbanos de moradia, de lazer e de relações sociais.

Para Certeau (1998) a paisagem é espaço quando ocorre uma articulação no lugar, quando a repórter adentra no lugar, observa, registra e interage com os sujeitos, o lugar se torna espaço. Por meio da narrativa de Brum (2007), constrói-se esta articulação de lugar repleto de significantes e significados. O espaço é vivido de diversas formas, mas a narrativa é a construção de uma vivência própria, ou seja, um novo espaço é criado quando este é relatado. Neste caso a vista panorâmica do alto do morro ao qual o personagem está inserido, rompe com o estereótipo da bela vista do Guaíba para a cidade de Porto Alegre, revela outra paisagem até então desconhecida pelos leitores da reportagem, a paisagem humana e social.

Na imaginação do leitor/a ocorre uma “invenção” de paisagem, o que não era enxergado, agora faz parte da memória, Certeau explica este contexto da seguinte forma:

Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma “invenção” de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas. O legível se transforma em memorável: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades. A fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor. (1998, p. 49)

É comum a atribuição de significado da palavra paisagem como “extensão de território que se abrange com um lance de vista”²⁸, mas nem por isso essa visualização é estática ou neutra; nos estudos de Cabral (2000), o autor destaca que a visualização de uma paisagem nunca é ingênua, o ato de ver sempre é carregado de sentidos e interpretações que são construídas a partir de um conhecimento prévio. Desta maneira a paisagem nunca vai mostrar o todo, sempre vai oferecer uma parte, mas o conjunto de informações e experiências do sujeito vai completar o espaço para compor uma significação maior do que apenas o quadro divisado, e que não será isolado. Também a relação da paisagem com o sujeito é dependente, pois o sujeito e a paisagem se completam, as experiências do sujeito são firmadas no espaço que lhe é envolvido, assim o leitor de Eliane Brum assimila um presente relativo na leitura da reportagem e se recorre à memória de um lugar que vai assumir o papel de mudança de olhar para o que não foi visto antes, no livro as palavras vão dar lugar à nova formação de imaginário.

Para Collot (2013) este fenômeno de decifrar a partir de uma paisagem as nuances do social e dos sujeitos envolvidos faz parte do “pensamento-paisagem” quando se escreve o ver,

²⁸ Definição de paisagem retirado do dicionário Aurélio. HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

o pensar; e conseqüentemente o fazer são reformulados, pois passa a ser novas experiências e saberes do cotidiano.

Há ainda a *romantização* das paisagens, que envolve efeitos, sentimentos inerentes ao ser humano que também são inseparáveis no texto, quando o sentido do texto da autora transita entre a informação dada e o misto de sentimentos narrados que Collot (2013) vai chamar de ponto de vista. A descrição narrativa sobre a paisagem não é desgarrada do ponto de vista e estas descrições estão sujeitas às interpretações sentimentais, pois provoca o pensar e o sentir (o sentir indignação, o sentir compaixão). Quando este misto de reflexões e sentimentos se junta, uma nova ação é inventada, o que se pode chamar de “invenção da paisagem”.

4. Invenção do cotidiano em *A vida que ninguém vê*

O historiador Michel de Certeau traz vários estudos sobre os sujeitos às margens e como as relações sociais e econômicas são construídas no cotidiano. Para o estudo deste artigo destaco a obra *A invenção do Cotidiano*. Nesta obra Certeau (1998) analisa a subversão das pessoas frente às imposições das instituições econômicas e sociais, as resistências do sujeito perante o sistema socioeconômico, conceituadas por Certeau de “tática”, ou seja, é a ação do mais fraco em defesa da estratégia (o mais forte), que resulta no imprevisto. O “lado mais fraco” resiste sobre o mais forte, as instituições de domínio, o Estado, a escola, o mercado e a estruturação da sociedade. Pode-se relacionar com esta ideia o fragmento da reportagem abaixo, *O colecionador das almas sobradas*:

Ninguém sabe dizer quando foi que Oscar Kulemkamp iniciou sua resistência. O fato é que dia após dia ele peregrina pelas ruas de Porto Alegre. Começou resgatando banquinhos amputados e lhes devolvendo as pernas. Acabou tomando para si pedaços da cidade. Vai de lixeira em lixeira, até onde alcança, recolhendo nacos de pau e de canos, ventiladores quebrados, brinquedos abandonados. Tarefa árdua, porque ele é um só no combatente contra um exército de 1,3 milhão de pessoas que todos os dias botam fora as sobras de suas vidas (BRUM, 2007, p. 48).

Oscar Kulemkamp é o personagem que foge da ordem, mesmo em um sistema de dominação, resiste. Neste quadro pode-se destacar que o sujeito Oscar Kulemkamp faz da “bricolagem” um estilo de vida, ao juntar objetos que pertenceram a outras pessoas, coleciona memórias, que mesmo contra os vizinhos que o denunciaram para a prefeitura, Oscar Kulemkamp resiste. Neste sentido relaciona-se a reportagem com a subversão do sujeito, que quando é marginalizado ou excluído do convívio social, inventa um modo próprio de viver e dá significado ao que pelos padrões da sociedade “não deveriam” dar, forma-se um novo jeito de viver às margens (um novo cotidiano) e também cria um novo espaço para viver.

Neste contexto Brum (2007) busca desvendar o que no geral a mídia esconde, o “sujeito subversivo”, o que os sujeitos fazem com suas vidas às margens? O que eles fazem com as informações recebidas? Certeau (1998) chama este fazer cotidiano, que muda no tempo as ações e métodos que “eram” para ser controlados e padronizados, de *bricolagem*, ou seja, recortes de informações, pedaços de pensamentos, relatos de experiências que formará uma ação, que vai inventar o cotidiano.

Segundo Sousa (2016), a abordagem sobre um personagem num espaço “universal” abre discussões acerca de uma invenção do cotidiano, porque leva o/a leitor/a as indagações sobre o lugar em que o personagem é inserido. A casa de Oscar Kulemkamp, o local onde ele amontoa os objetos que encontra nas ruas, aponta para uma memória com novos significados sobre aquele espaço, remonta história do lugar, porque agora é o “lugar” que além de texto virou documento ao ser transposto para o jornal.

O colecionador das almas sobradas é outra reportagem literária para análise, o texto faz várias referências às sobras em uma sociedade de consumo, “um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis” (BRUM, 2007, p.50). Não pelo consumo exacerbado e a produção de lixo (ou também por estes), mas principalmente por uma metáfora à sociedade de exclusão, refere-se ao descarte de pessoas quando estas não estão inseridas no processo de produção para o mercado, é um resgate à questão humana de uma sociedade que se vê na condição em que até as pessoas se tornaram produtos descartáveis:

Um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis. Onde nada nem ninguém fique obsoleto depois de velho, quebrado ou torto. Um mundo onde todos tenham, igual valor. E a nenhum seja dado uma lixeira por destino. O número 81 da rua Bagé é o castelo de homem que inventou um mundo sem sobras. (BRUM, 2007, p. 50).

Para Certeau (1998), as práticas cotidianas de uma “minoría” reafirmam as diversidades culturais, e mostra a resistência destas práticas à adoção de uma ordem arbitrária de ambientação dos espaços, ocorre assim uma recusa e outras maneiras de convivências são criadas na busca da identidade (pautada na filosofia de vida que lhe fizer sentido).

Desta maneira pode-se destacar outro personagem do livro em que atua contra as “determinações relacionais”, seu nome é Alverindo e seu espaço é o calçadão da Rua da Praia, no centro cosmopolita da cidade de Porto Alegre, onde a pluralidade é mais visível e as pessoas no aglomerado de coisas e situações, passam sem se ver. O espaço que Alverindo está inserido perde a invisibilidade dos leitores da reportagem, inclusive da autora, como se pode apontar neste registro da reportagem *O Sapo*:

O mais incrível é que o Sapo estava ali havia 30 anos. E há a mais de uma década cruzávamos na Rua da Praia. Minha cabeça no alto, a dele no rés do chão. Eu mirando seu rosto. Ele os seus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares, subvertendo as regras do jogo de que ambos participávamos. Não nos reconhecemos. (...) Sapo, como a maioria dos pedintes do centro, não está lá sozinho. É longa – e invisível – a rede que se estende por trás de cada um deles. (BRUM, 2007, p. 60-61)

Aqui dá pra se dizer que a obra de Eliane Brum desvia o leitor do pensamento homogêneo, e revela personagens que são desvios da ordem vigente, seja pela necessidade de sobrevivência ou por simplesmente romper com a ordem e relação social, se situando às margens, o que Certeau (1998) chama de “tática”, um agir rápido em resposta da estratégia imposta.

Bocchetti (2015) em estudos sobre o cotidiano, questiona as tentativas das instituições em contabilizar padrões de comportamento que desconsideram as “artimanhas” do sujeito, os olhares sobre o mundo e seu funcionamento foram naturalizados pelas instituições, mas também pelas próprias práticas cotidianas, pois segundo Certeau (1998) as estatísticas não conseguem encontrar as diferenças de opiniões e práticas cotidianas. As estatísticas sobre a identidade social dos sujeitos reduzem as formas, os sentidos de convivência em números, por isso buscam a homogeneidade nas práticas sociais.

5. Considerações finais

Por fim, compreende-se que tanto os relatos dos leitores podem confirmar que as reportagens literárias ocuparam um espaço de descoberta para o leitor acostumado ao mesmo, ou seja, o jornalismo cumpriu o seu papel enquanto formador de criticidade, quanto se pode notar que a teoria de Michel de Certeau no que trata a bricolagem, a imprevisibilidade, a tática do sujeito frente aos conflitos cotidianos contribui decisivamente para a reflexão sobre as narrativas do livro *A vida que ninguém vê*. Eliane Brum desvela um cotidiano escondido pelas estatísticas e as máscaras da noticiabilidade homogênea.

O jornalismo pautado na estatística é basicamente uma regra de produção de reportagens dentro dos principais jornais do país, por uma questão técnica de se fazer a notícia com critérios estabelecidos para a noticiabilidade e o padrão norte-americano adotado. Assim o jornalismo literário passa a ser uma fuga do padrão em que a busca pela “verdade” se estabelece em números (estatísticas) ou critérios como o que chamamos de proeminência dos fatos (o jornalismo que conta a história de grandes nomes, personalidades famosas), Eliane Brum adota o que surgiu com Truman Capote, *À Sangue Frio*, o *new journalism*, o jornalismo

que humaniza os fatos e principalmente o jornalismo que protagoniza a vida de pessoas comuns, sobre isso a autora relata:

Toda semana me alcançavam relatos que acabavam assim: “Descobri que minha vida é especial. Mudou tudo.” Bastava o reconhecimento do outro, vindo de um lugar legitimado como uma página de jornal de sábado, para que músculos oculares atrofiados pela falta de uso voltassem a se exercitar para enxergar a própria vida de outros ângulos possíveis. Quem consegue olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro. Olhar é um exercício cotidiano de resistência. (BRUM, 2007, p. 188)

As reportagens literárias subvertem a imaginação do leitor adaptado ao mesmo, uma das funções principais da literatura no meio de inúmeras informações apontando para a mesma direção. As reportagens literárias de Eliane Brum fecham as lacunas para a interpretação da paisagem, conforme Collot (1990) para abrir outras lacunas com maior pluralidade de análises de uma paisagem imaginada, uma delas é a descoberta do cotidiano algumas pessoas marginalizadas. O cotidiano é refeito desde o momento em que a repórter entra nas histórias dos personagens refazendo a mudança de olhar no cotidiano do personagem, assim como o seu próprio cotidiano, o que Certeau (1998) considera que são as resistências que acontecem a todo o momento e inventam o cotidiano.

REFERÊNCIAS

BOCCHETTI, André. Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos. **História da historiografia**, v. 18, n. 18, Ouro Preto, ago. 2015, p. 43-56. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i18.921>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, v.15, n.30, Florianópolis, jul/dez. 2000, p. 34 – 35. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252/13053>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

CASSIGOLI SALAMON, Rossana. ANTROPOLOGÍA DE LAS PRÁCTICAS COTIDIANAS: MICHEL DE CERTEAU. **Chungará (Arica)**, Arica, v. 48, n. 4, p. 679-690, dic. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-73562016000400012&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre as percepções da paisagem**. Boletim da Geografia Teorética, vol.20 (39); p: 21-32. Rio Claro: Unesp, 1990.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

FARINA, Marcelo Bernardes; LUCHT, Janine Marques Passini. O gigante acordou: o posicionamento editorial de Zero Hora nas manifestações de 2013. **Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-imprensa/o-gigante-acordou-o-posicionamento-editorial-de-zero-hora-nas-manifestacoes-de-2013/view>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SOUZA, Gustavo. Representações do cotidiano em documentários de periferia. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 15, n. 29, Santa Maria, 2016, p.246-260. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/217549779803>>. Acesso em: 01 jun. 2017.